

Dialéticas da evolução

José Eli da Veiga

Valor - sexta, 24 de junho de 2022, p. A19

Existem poucas noções tão relevantes no âmbito do que se pode entender por ‘lógicas’ quanto as dialéticas.

É arriscado tratar desta conexão, em poucos parágrafos. Afinal, são tantas e tão intrincadas as pertinentes dúvidas filosóficas e científicas, que não se deve supor que leitores de jornal diário, principalmente interessados em temas dos mais conjunturais, queiram dar atenção e disponham de tempo para cogitações sobre algo mais afeito às herméticas e enigmáticas revistas acadêmicas.

Aposta-se, aqui, no oposto, pois existe boa dose de mistificação na ideia de que questões científico-filosóficas não possam ser “troçadas em miúdo”, de forma razoável. Além disto, pensando em quem poderá ter acesso posterior, por gentil sugestão de impaciente leitor, esta aposta talvez até venha a estimular revisões sobre precários hábitos mentais, extremamente comuns. Experiências anteriores com assuntos invulgares, ainda mais distantes do dia a dia da maioria dos leitores do **VALOR**, indicaram que o impacto esclarecedor deste espaço pode ter alcance muito maior do que se imagina.

Há alguma mistificação na ideia de que questões científico-filosóficas não possam ser “troçadas em miúdo”

Antes de tudo, é preciso destacar a necessidade do múltiplo. Há muito deixou de ser razoável referir-se à dialética, no singular. Nem tanto por se tratar de ideia que mudou da água para o vinho, ao longo de 2.500 anos. Muito mais devido à proliferação, nos dois últimos séculos, de inúmeras modalidades, versões e interpretações. Pior, engendrando discussões filosóficas tão babélicas, que até grandes pensadores optaram por considerá-la discurso inválido e ilegítimo.

Porém, existem poucas noções tão relevantes no âmbito do que se pode entender por ‘lógicas’. Por mais que tenha sofrido forte erosão, imposta, principalmente, por soviéticos, maoístas e simpatizantes, o que sobrou permanece essencial, em diversas áreas do conhecimento. Para constatá-lo, basta uma busca no Google. Saltará aos olhos que o núcleo duro e força propulsora dos movimentos dialéticos é a “contradição”, que alguns poucos preferiram chamar de “tensão”. Isto é, a ideia de que contrários podem se nutrir um do outro, completando-se enquanto se opõem.

Qual poderia ser um bom exemplo? No âmbito evolucionário, antes de tudo, o da relação entre continuidade e descontinuidade. São coisas simétricas, mas é muito raro (se houver) algum fenômeno dinâmico em que elas não sejam simultâneas. Em geral, não há como entender movimentos e suas transições, supondo-se que “isto não pode ser aquilo”. Quase sempre, só se pode entendê-los por preferência ao “também”, ao “do mesmo modo” ou ao “ao mesmo tempo”.

Esta questão é das mais decisivas para a compreensão das principais dinâmicas históricas da Terra. O mais comum é considerar que elas sejam três: a inorgânica (físico-química), a da vida (biológica) e a humana (cultural). Não tem cabimento a ideia de que sejam três compartimentos estanques, sem

transições, com suas continuidades e descontinuidades. Porém, há quem troque tais dialéticas pelo obscuro fetiche da “transcendência”, ao se referir à passagem de uma dinâmica à seguinte.

Também é discutível a visão de que só sejam três, as grandes dinâmicas históricas da Terra. Principalmente, porque o “processo civilizador” é tão diferente da “natureza humana”, quanto a biologia é da física ou a cultura, da biologia. Então, mesmo que a melhor teoria sobre a evolução tenha sido proposta para a segunda dinâmica - a da vida - talvez também possa ser verdadeira, mesmo que de outras maneiras, para a dinâmica precedente (inorgânica) e para as subsequentes (natureza humana e processo civilizador).

Desde o fim do século 19, houve quem admitisse tal hipótese. Mas foi só a partir dos anos 1980, que surgiu um movimento intitulado “darwinismo universal”, propagado pelo website <https://www.universaldarwinism.com/>. Um grande exagero, com certeza, pois a teoria darwiniana só é cabível para fenômenos que sejam amplamente diversos, múltiplos e coletivos. Por isto, a melhor alternativa tem sido a proposta, mais modesta, de um “darwinismo generalizado”. Neste caso, a melhor referência é a obra do economista britânico Geoffrey Hodgson, especialmente no livro *Darwin's Conjecture* (University of Chicago, 2010).

O que foi dito acima não esgota os desentendimentos sobre o nexos entre evolução e dialéticas. Também há, por exemplo, uma espécie de vício em se deixar de lado, ou simplesmente ignorar, os dois tipos de contradições não antagônicas, em que os opostos se reproduzem em movimentos que podem ser ondulatórios ou embrionários. Além disto, continuam muito na moda os filósofos que rejeitaram a ideia de que alguma contradição (ou tensão) possa existir fora da mente humana, o que chega a escandalizar muitos cientistas. Por exemplo, os que estudam o desenvolvimento celular.

Ótimos esclarecimentos sobre tais problemas estão em enxuta publicação da J. Vrin, a mais tradicional editora francesa de obras filosóficas. A professora Claire Pagès foi muito feliz nas 126 páginas de *Qu'est-ce que la dialectique (O que é a Dialética)*. É deplorável que ainda não tenha tradução no Brasil.

= = =

José Eli da Veiga é professor sênior do Instituto de Estudos Avançados da USP: www.zeeli.pro.br